



## **BENDITOS SEJAM**

### **Uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel**

**Maria José Oliveira<sup>1</sup>**

#### **RESUMO**

Em função da dinâmica social e cultural que cria, recria e transforma padrões estéticos e comportamentais, encontra-se a literatura de cordel com seus leitores contextualizados no seu tempo. O público, antes o sertanejo confinado em seus limites rurais, agora encontra novos horizontes na cidade e nas escolas. Através da experiência *in loco* e da análise textual da obra da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, verificou-se a utilização de novos temas, novas linguagens e novo público, dando-lhe um caráter diferenciado, confrontando, em certos aspectos, com os cordelistas tradicionais.

#### **Palavras-Chave:**

Folkcomunicação; Literatura de Cordel, Cordelistas Mauditos

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Juiz de Fora,  
Especialista em Design Editorial pela Universidade Federal de Juiz de Fora  
Mestra em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP  
Professora de Projeto Gráfico e  
Produção Gráfica na Universidade Presidente Antônio Carlos – Unipac, Barbacena, MG

A cultura é um componente essencial para o desenvolvimento de um povo. É por meio dela que diversos grupos compõem a sociedade, participam e contribuem para o bem coletivo. São as manifestações culturais que apontam as características peculiares de determinada comunidade. Portanto, o ser humano procura através da identificação cultural constituir seu universo de agregação e compartilhamento de valores simbólicos.

O homem, enquanto agente social, é também é um agente cultural. É ele quem faz a cultura de um povo. Como a sociedade está em constante transformação, faz-se necessário que haja a chamada “*dinâmica da cultura*”, posto que ela não é estática, e sim, mutável.

Destacamos neste estudo três vertentes culturais: a cultura erudita, a cultura de massa e a cultura popular. Podemos considerar “*Cultura Erudita*” aquela que é produzida geralmente no cerne das instituições acadêmicas e que sua principal forma de transmissão se dá pela escrita. É uma cultura voltada e representada pela classe dominante — a elite.

Encontramos também a “*Cultura de Massa*” que é aquela que se caracteriza por ser transmitida pelos meios de comunicação de massa. Com o constante e veloz avanço tecnológico da comunicação, surgem a cada instante novos sistemas que facilitam o intercâmbio entre os povos.

A terceira vertente é a “*Cultura Popular*”. Mas o que vem a ser popular? Quando falamos em cultura popular, remete-nos uma questão já levantada por Marilena Chauí, onde a autora coloca a questão: “*seria a cultura do povo ou a cultura para o povo?*”<sup>2</sup>. A autora define “*Cultura Popular*” como sendo construída por práticas que se efetuam dentro de uma cultura dominante, aceitando esta ou não, com intuito de apropriar-se ou resistir a esta. Vai além ao considerar a “cultura popular como expressão dos dominados, buscando as formas pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada, reproduzida e transformada, tanto quanto é recusada, negada e afastada, implícita ou explicitamente, pelos dominados”.

Num contexto mais atual, acreditamos que a elite se apropria de certos produtos populares, agregando a eles novos valores que, sob certo aspecto, gera um distanciamento de suas origens. A cultura erudita procura compreender os elementos da cultura popular, até mesmo como forma de dominação. Por outro lado, a cultura popular, resiste, agrega e reelabora alguns elementos associados à cultura erudita.

---

<sup>2</sup> CHAUI, Marilena. “Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil”. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 10



Não podemos estabelecer limites rígidos entre uma cultura e outra, uma vez que elas se intercalam e se completam. Um exemplo claro desta “salada cultural” seria uma composição de Heitor Villa-Lobos, conhecido músico erudito, baseada em canções ou fatos ocorridos nas camadas populares do sertão brasileiro, que por sua vez é produzida e veiculada em meios de Comunicação de Massa.

Muitos foram os pesquisadores que discutiram esta questão da circularidade da cultura, Entre eles, o prof. Dr. José Marques de Melo faz suas considerações a respeito:

“Nos dias de hoje, as barreiras entre a cultura da elite e a cultura do povo, começam a ser demolidas, em consequência do fenômeno da socialização produzida pelos meios de comunicação coletiva. O impacto do rádio, da televisão, do cinema e da imprensa, utilizando todos os recursos da tecnologia moderna, realmente desencadeia uma revolução no panorama cultural”.<sup>3</sup>

Esta relação de trocas torna-se mais evidente em países como o nosso. Sua formação se deu através de uma curiosa e criativa mistura onde o índio, o negro e o europeu integraram seus valores culturais resultando em manifestações, de certa forma, harmoniosas. Encontramos nos festejos religiosos, por exemplo, os santos católicos com uma pitada da estética africana, assim como o carnaval também é recheado desta combinação eclética. Talvez ele, o carnaval, seja a apoteose desse nosso pluralismo cultural. Não nos cabe aqui questionar se esta mistura se dá de forma espontânea ou se é um argumento para amenizar as diferenças sociais aqui existentes. O fato é que ela existe.

Podemos sintetizar dizendo que as diversas manifestações populares coexistentes em uma sociedade se intercalam, se apropriam umas das outras e se metamorfoseiam. Este processo da metamorfose se justifica até mesmo para não deixar cair no esquecimento algumas tradições, em função de diversos fatores, entre eles o avanço tecnológico, gerando meios de comunicação de massa dos mais diversos e cada vez mais acessíveis, alterando assim, os costumes do público que os consomem.

### A voz do povo segundo Beltrão

---

<sup>3</sup> MELO, José Marques. Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 189-190.

Estudar e compreender a comunicação torna-se essencial nos dias em que a sociedade é cercada por um enorme volume de informações oriundas de diversos meios. É característico do ser humano a necessidade de trocar informações. Tomaremos como referência as palavras do notável pernambucano Luiz Beltrão (1918-1986) ao definir comunicação como “intercâmbio de informações visando a uma ação conjunta” (1977, p.25).

Faz-se necessário ressaltar que a comunicação não acontece apenas na troca de informações de forma consciente. A comunicação também se estabelece de forma inconsciente, através de várias maneiras e linguagens. Nos comunicamos através do tempo e do espaço, através do nosso corpo, da maneira como nos vestimos, da expressão facial, do olhar e até mesmo através do silêncio. Encontramos em ADÍSIA SÁ (apud BELTRÃO, 1977, p. 60), palavras que exprimem esta idéia:

“(o homem) é um ser comunicante... essencialmente comunicador... Não se comunica apenas com o agora... se comunica com o tempo. O homem não constrói apenas para si a sua casa: o homem edifica cidade. O homem se comunica com o espaço. (...) O tempo, para o homem não é linear. (...) É o único animal que sabe que morre e... o único que não tem a morte como seu fim”.

Com estas palavras, compreendemos um pouco mais da mutação existente nas diversas manifestações sociais e culturais e das relações existentes entre elas. Cada qual se comunica a seu tempo, estabelecendo contatos entre si que irão se aperfeiçoando, dando um caráter de continuísmo.

É comum nos dias atuais darmos mais importância a certos mecanismos de comunicação em detrimento a outros. Isto se dá devido às inovações tecnológicas que permitem “vislumbrar o cenário de um mundo polifacético e multicultural”.<sup>4</sup> Esquecemos, por vezes, que as manifestações populares nos deixam um legado cultural que muito contribui para o entendimento de nossa própria história.

Sob o título de “FOLKCOMUNICAÇÃO, a comunicação dos marginalizados”, Beltrão abre espaço para a discussão de um tema que, se antes já havia sido contemplado, não teve a repercussão e o reconhecimento devidos. A referida obra foi o resultado de sua tese de doutoramento intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de

---

<sup>4</sup> MARQUES DE MELO J. Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil. Revista Latina de Comunicação Social, nº 21, setembro de 1999.



idéias”, pela UnB, no ano de 1967. Sua originalidade não fica por aí. Beltrão também foi o primeiro a ser agraciado com o título de “Doutor em Comunicação” em uma universidade brasileira.

Beltrão deixa claro que não só as informações difundidas pelos Meios de Comunicação de Massa merecem atenção. Existe uma comunicação que, ainda mesmo obscura, escondida nos guetos menos favorecidos de nossa sociedade, possui um clamor forte e real. Este foi o ponta-pé inicial para uma reflexão sobre a importância das manifestações populares. O autor definiu *folkcomunicação* como sendo um “*processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore*” (BELTRÃO apud MARQUES DE MELO, 2001, p.17).

### Literatura de Cordel

Em sua obra, “Sistemas de Comunicação Popular”, o prof. Dr. Joseph Luyten discute quatro formas de apresentação de comunicação popular: oral, escrita, gestual e plástica. Neste bojo, encontraremos as anedotas, os provérbios, as cantorias, os ex-votos, o artesanato em geral, o bumba-meu-boi, a malhação de Judas, a literatura de cordel, dentre outros (1987, p. 9).

Ao contrário do que muitos pensam, a Literatura de Cordel não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. De origem lusitana<sup>5</sup>, a Literatura de Cordel existe no Brasil há mais de 100 anos e é uma das mais fortes expressões da cultura nordestina.

Dentro da Literatura de Cordel encontramos o que chamamos de “tradição” que são os folhetos que vieram da Europa e chegaram ao Brasil, se adaptaram por aqui e se tornaram os clássicos do cordel. Os temas abordados eram diversos. Inicialmente, pela sua própria origem, falou-se muito em contos medievais, história de “*Carlos Magno e os Doze Pares de França*”, “*A Princesa Malagona*”, a “*Donzela Theodora*” e tantos outros temas envoltos num imaginário trazidos na bagagem dos colonizadores. Aos poucos, os poetas populares brasileiros foram dando um caráter regional a esta literatura, agregando a ela valores de sua própria cultura. Esta literatura foi adquirindo novas formas, incluindo em sua temática, aspectos do cotidiano e sentimento dos próprios nordestinos, como é o caso

---

<sup>5</sup> Muitos são os estudos encontradas para elucidar a questão da origem da Literatura de Cordel. Em nosso trabalho, não atermos nesse campo de discussão, uma vez que o que mais nos interessa é a maneira como esta literatura se apresenta nos



dos heróis, da religiosidade, do misticismo, da vida campestre, da política, dos crimes, do cangaço, das estórias de amor etc.

A Literatura de Cordel no Brasil “brotou e floresceu assentada sobre as bases de uma sociedade patriarcal, com relações de compadrio, cangaço, seca e misticismo religioso”.<sup>6</sup> Atribuindo-lhe características regionais, o poeta retratou esta realidade através de suas narrativas, fazendo do nordeste brasileiro o principal foco deste gênero literário. Vários foram os motivos que fizeram do Nordeste brasileiro o principal nicho desta literatura.

Segundo DIÉGUES Jr (1977, p.06) vemos que:

“No Nordeste (...), por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular”.

Através do cordel, tido por muitos como o “*jornal do sertão*”, o leitor busca, em seus versos, sua própria verdade. Ele procura sua identificação, reproduzindo-a de acordo com sua realidade. O poeta, por sua vez, estabelece um elo entre o real e o imaginário. Isto se dá através de alguns poemas inspirados em notícias advindas de outros meios, como é o caso dos jornais, do rádio e da televisão. Segundo LUYTEN (1992, p. 42):

“(...) vemos que o poeta procura sua versão, a partir do noticiado ou ocorrido e nessa decodificação é que ele encontra utilidade de executar conscientemente o seu papel de decodificador popular. É a sua versão que vai importar, em última instância, para o leitor específico de seus folhetos”.

Dentre as diversas localidades nordestinas produtoras desta literatura, podemos destacar a cidade de Juazeiro do Norte. Com a chegada de José Bernardo da Silva<sup>7</sup> e a figura do Padre Cícero<sup>8</sup> como

---

dias atuais. Alguns autores, como é o caso de Márcia Abreu, em sua obra “*Histórias de Cordéis e Folhetos*” (1999) abrem caminho para tais questionamentos, confrontando a literatura de cordel portuguesa com o folheto nordestino.

<sup>6</sup> Extraído do texto de concepção da *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”*, abril de 2000, pg 2

<sup>7</sup> Entre os muitos romeiros que se dirigiram para a cidade de Juazeiro do Norte todos os dias, encontramos José Bernardo da Silva, fundador da Tipografia São Francisco. Se tornou um dos maiores responsáveis pela divulgação e popularização dos folhetos de cordel no Ceará.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

legitimador da literatura de cordel, a produção destes folhetos ganhou grande significado, transformando a cidade numa referência e foco deste estilo literário.

Afim de melhor compreender esta literatura, partimos para a cidade de Juazeiro do Norte com um objetivo maior: perceber as mutações ocorridas nos versos do cordel.

Não precisou de muito tempo para entender o significado de Padre Cícero para as pessoas daquele lugar. Por todos os lados que olhávamos, sua figura surgia de maneira imponente, grandiosa e majestosa. Sua figura transcende a realidade, transformando a cidade de Juazeiro do Norte num verdadeiro santuário, onde os romeiros vindos de todos os cantos do sertão, depositam suas esperança, fé e gratidão.

contrasta com  
tenta atingir  
monumento, é  
romeiros que  
mística de um  
mediador”.



“... a sua alvura  
o céu sempre azul do Nordeste, que  
com sua verticalidade. Mais que um  
como se fosse um farol a guiar os  
vêm de toda a região, atraídos pela  
mundo melhor, do qual ele seria o  
CARVALHO, (1988, p. 162).

*(foto tirada pela pesquisadora na ocasião de sua viagem à cidade de Juazeiro do Norte, em março de 2002)*

---

<sup>8</sup> Fundador da cidade de Juazeiro do Norte, representa o maior guia espiritual dos fiéis que rumam à cidade em busca de acalento para suas dores. Também foi o maior incentivador do ofício da arte, como forma de ocupação para as pessoas que para ali aportavam. “Cícero Romão Batista nasceu no Crato, Ceará, em 24 de março de 1844 e faleceu na cidade de Juazeiro em 20 de julho de 1934. (...) Santo de Juazeiro, Santo Pequeno, uma das pessoas da Santíssima Trindade, o meu padrinho Padre Cícero permanece uma constante psicológica dentro da dinâmica social do povo nordestino”. CASCUDO (2000, p. 264)



Percorrendo as ruas da cidade, percebemos o real significado do “Padim Ciço”. Tínhamos a impressão de que o tempo estivesse congelado, tão viva era a sua presença. Seu mito move a cidade e sua presença pode ser encontrada não apenas nos corações dos fiéis, como também na atmosfera que paira no local. Percebemos que Juazeiro do Norte representa toda a esperança e desejos dos que para lá afluem.

As romarias à cidade de Juazeiro representam uma das expressões mais fortes e originais da religião no Nordeste brasileiro. Nelas, fundem-se o passado, o presente e o futuro, numa aventura de um povo místico, que luta com as armas de suas crenças. Não se trata da cultura da miséria, mas sim a cultura que resiste à miséria. No fervor de suas preces, o povo demonstra que o sonho não acabou.

Em meio a esta “ressurreição”, encontramos a arte dos poetas que também prestam sua homenagem ao pároco, como testemunho de fé e esperança. Nos versos encontramos a trajetória de um sonhador que, nos devaneios dos sonhos<sup>9</sup>, foi edificando sua obra. Obra inacabada porque se renova nas mãos de cada poeta, cada um a seu tempo e à sua maneira. O tempo que separa as gerações é o mesmo tempo que aglutina, colocando o passado e o presente numa só dimensão. A figura do Patriarca norteia a inventiva popular ainda nos versos do século XXI.

Juazeiro ainda é palco de grandes poetas que, através de suas mãos, reproduzem suas histórias e verdades num universo plural, onde todas as vozes são possíveis.

#### Sociedade dos Cordelistas Mauditos

Não poderia ser outro local, senão a cidade de Juazeiro do Norte, a testemunhar o surgimento de novos poetas. Não foi dos versos de um cordel que surgiu a *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”*, porém foi através do cordel que este grupo de jovens poetas promoveram uma espécie de revolução no campo da poesia popular. Poetas vindos dos bancos, não os das praças, mas sim os das escolas e faculdades. Estes poetas irreverentes surgem para renovar esta literatura atribuindo-lhe novas características.

A *Sociedade* brotou das experiências de vida, da firmeza e posicionamento de seus integrantes diante da sociedade em que vivem e, principalmente, surgiu da necessidade de darem um basta, um grito de alerta.

---

<sup>9</sup> A vida de Cícero Romão Batista, o “Padim Ciço”, carinhosa e orgulhosamente alojada nos corações do povo nordestino, sempre foi permeada por sonhos. Segundo o Padre Murilo de Sá Barreto — pároco da cidade de Juazeiro do Norte —, desde seu nascimento até sua morte, forças ocultas e misteriosas deram um norte em sua caminhada, conduzindo-o ao caminho da fé e misericórdia, em benefício dos mais pobres e necessitados.





A *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* é composta por vários artistas, poetas, músicos, artesãos, xilógrafos, atores, cantores. Através desta vertente cultural, estes jovens poetas apresentam um cordel com nova roupagem, utilizando-se de vários signos, técnicas e linguagens para levar sua poesia ao seu público.

Em sua formação, um dos fatores mais polêmicos foi quanto nome. Segundo os integrantes, a palavra “maudito” significa:

“(...) uma ironia aos professores acadêmicos e puristas que elegeram um tipo específico de pessoa/poeta para fazer o cordel, que seria por excelência o representante legítimo desse fazer artístico, como se a poesia tivesse um dono. Neste sentido nossa ironia é dizer que nosso cordel é mal feito, mal elaborado (ou seja, que para ser bem elaborado tínhamos que respeitar a visão de mundo dos poetas clássicos do cordel, presos a uma ideologia centrada numa memória, num imaginário social”.<sup>10</sup>

Na perspectiva de proporcionar uma nova amplitude à literatura de cordel, estes poetas resolveram organizar e discutir suas idéias, abrindo para uma discussão de temas atuais da sociedade. Os integrantes da *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* acreditam que esta literatura precisa ser redimensionada, entendendo-a como “*código de discussão social*”. Para eles, os “*mauditos*”,<sup>11</sup> o cordel não serve somente para o deleite, para o prazer, para o entretenimento. Ela também tem um compromisso voltado para a educação e reflexão. Daí estarem escrevendo temas sobre feminismo, preconceito, sexualidade, drogas, sexo, contestação social e outras questões pouco discutidas na região, abrindo espaço para outros temas e formas de linguagem.

Sempre existiu um encantamento envolto no imaginário popular, onde o sobrenatural acaba por fascinar o povo do sertão. A constante luta do bem contra mal, de certa forma, representava sua própria luta. O sertanejo encontrava nos versos rimados um acalanto para seus dissabores, um pretexto de se fazer sorrir. Concordamos com Cavalcanti Proença (1977, p. 42) quando este afirma que “... *a literatura não é apenas imaginação. É também a observação, o comentário, a crítica da vida cotidiana*”.

Para a *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”*, os poetas tradicionais são extremamente criadores e têm indiscutível valor artístico e literário, porém os temas abordados pela sua maioria,

---

<sup>10</sup> Nota retirada da carta dos Mauditos endereçada ao poeta Abraão Batista cujo título é “tradição e modernidade uma discussão necessária” (Jornal do Cariri 2001).

<sup>11</sup> Daqui por diante, usaremos o termo “*mauditos*” para referirmos aos integrantes da *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* ou a tudo o que lhes remeter.



sempre estiveram alicerçados em preconceitos reforçando questões ideológicas da classe dominante, da opressão, da submissão e do desrespeito à dignidade humana.

“Sá Zefinha mulher-dama  
Dona de uma gafeira  
Tem uns dez quilos de peito  
A cara de maconheira  
Além de ser mulher-macho  
Toma cana e faz despacho  
É sacana e xangoseira”<sup>12</sup>

Esta ideologia do dominador e do preconceito imperou durante muitos anos no Brasil e, de certa forma, ainda sobrevive nos dias atuais. Os “*mauditos*” surgem com um espírito renovador.

“Não estamos interessados em resgatar um passado, ao contrário, somos a ruptura deste passado onde o cordel esteve situado e foi palco de grandes sagas e pedaços da história, vista através das lentes dos poetas que em muitos casos reforçavam uma memória dominante”.<sup>13</sup>

Este novo pulsar na literatura de cordel em Juazeiro do Norte teve como protagonista a poeta Francisca Pereira dos Santos, a Fanka que, no afincado de dar não somente continuidade a esta literatura, mas também agregando a ela novos significados, não mediu esforços para consolidar os primeiros passos do que seria este grupo de “rebeldes conscientes”.

“Divergimos em grande parte do teor discursivo do grande corpus de cordel brasileiro, que defendem uma cultura denominada popular. Comeremos antropofagicamente, seus aspectos nocivos à construção da liberdade de expressão humana, de cidadania e da identidade brasileira. Somos tupinambás. Somos Pataxós. Somos Cariris, hi-tec também. Cibernéticos. Underground. Metropolitanos. Somos completamente humanos. Somos a soma de linguagens”.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> GARANHUNS, Valdeck. “O matuto que tocou pife pro diabo até os beijo arrasta no chão”

<sup>13</sup> Texto de concepção da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, abril de 2000.

<sup>14</sup> Ibidem.

Não comem para formar sua identidade, mas para desfazê-la e depois refazê-la. Identidade esta que é nômade, inacabada. “*Antropofagicamente*” falando, comer significa mastigar o alimento, recebê-lo no estômago e transformá-lo. A antropofagia “*maudita*” consiste também na transformação através da negação, da preservação e da transcendência. Esta antropofagia “*maudita*” consiste em negar todas as particularidades, mas também em preservá-las e em integrá-las, dialeticamente, num universo concreto onde todas as vozes são possíveis. Segundo Fanka, “*a nossa antropofagia não deglute o estrangeiro, mas o imaginário reacionário*”.<sup>15</sup>

Como conseqüência da própria evolução da humanidade, a arte faz parte do processo de mutação e a ela são agregados novos valores. “Esta mudança, no entanto, é pouco entendida pelos intelectuais acadêmicos, alguns pesquisadores e poetas”.<sup>16</sup> Por isto, os “*mauditos*” não fazem um cordel como se fazia há cem anos atrás.

Existe, por parte de alguns poetas e pesquisadores, um saudosismo em cima dos poetas populares, com seu linguajar matuto, recitando seus versos à noite em volta de uma fogueira ou até mesmo nas feiras populares. Este linguajar peculiar, assim como a maneira em que eram lidos os poemas, era contextualizado no seu tempo e espaço. A informação, em tempos idos, era privilégio de uma pequena minoria, principalmente no nordeste brasileiro onde o abismo social toma proporções gigantescas. Hoje, muitos poetas, inclusive os “*mauditos*” têm maior acesso à informação, formando grupos que pensam, que dominam outros campos, que têm outros horizontes.

“Nosso objetivo é produzir poesia e utilizá-la como código de discussão, entretenimento e fazer artístico. Somos os poetas de hoje que cospe bala de polícia, corrupção de governos, arsenais nucleares etc. Somos os poetas ‘mauditos’ bendizendo a realidade caótica contemporânea”.<sup>17</sup>

Ao passo que a *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* ganhava consistência, suas propostas se tornavam mais evidentes. Estas propostas não foram estabelecidas ao mero acaso. Foram pensadas e questionadas por todo o grupo. Como objetivos da *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”*, podemos destacar:

- Diversificar os códigos estéticos na literatura de cordel;
- Trabalhar com a intertextualidade;
- Divulgar a literatura de cordel;
- Lançar na região e no Brasil a “*Sociedade dos Cordelistas ‘Mauditos’*”;

---

<sup>15</sup> Revista *Cult*, janeiro 2002

<sup>16</sup> *Ibidem*

<sup>17</sup> *Ibidem*.



- Buscar na cultura da região os elementos para composição do nosso movimento “*maudito*” que se desdobra em shows, recitais, exposição e mesa redonda;
- Criar novas formas visuais no cordel;
- Denunciar os costumes populares reacionários como a visão do negro, da mulher, do homossexual etc;
- Incentivar a leitura de poesias.

## O Manifesto

A postura assumida pela *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* é fundamentada em um manifesto, onde suas idéias são colocadas de maneira transparente e objetiva. Os “*mauditos*” não são um movimento partidário, mas são unânimes, convergem para uma linha que denuncia as opressões e exploração social. Para que as pessoas possam se integrar à Sociedade, elas têm que concordar com o manifesto que diz que “não somos nem eruditos nem popular. Somos linguagens”, abrindo um grande leque para discussões.

O manifesto é o hino da Sociedade. É o que há em comum entre eles. Os cordéis que não comungam destas idéias, não levam sua assinatura.

“A nossa comunicação se dá através da poesia de cordel — traço de nossa identidade nordestina. Odiamos os tecnicistas sem sentimentos literários. Somos contra o lugar comum. Combatemos a globalização que impõe signos massificantes e uniformiza o comportamento e estéticas: nosso movimento pretende, sob uma ótica dinâmica, utilizando vários códigos estéticos, redimensionar a literatura de cordel para um campo onde todas as linguagens sejam possíveis. Não somos nem erudito nem popular: somos língua gens. Entramos na Obra porque ela está aberta e é plural. Somos poetas e guerreiros do presente. A poesia escreverá enfim outra história.

Salve Patativa do Assaré e Oswald de Andrade!”

*E o verbo tornou-se verso*

Dia primeiro de abril. Este foi o dia escolhido pela *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* para dar voz aos seus pensamentos. Não foi uma data escolhida ao acaso. Temos como referência o dia primeiro de abril como o Dia da Mentira<sup>18</sup>. E não havia data melhor para retratar a farsa que acontecia no Brasil

---

<sup>18</sup> De acordo com Luís da Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, tudo começou em terras francesas. Em 1564, rei Carlos IX decretou que o ano começaria em primeiro de janeiro. Como naquela época não existiam rádio, televisão nem jornais, uma vez que a tipografia de Gutenberg estava em fase embrionária, a confusão foi geral. Antes da determinação de Carlos IX, o ano tinha início no dia primeiro de abril, o que resultou ficar conhecido como o *Dia da Mentira*., por força das brincadeiras feitas com a intenção de provocar hilaridade.

em um momento em que a mídia estava voltada para as comemorações dos “500 Anos de ‘Descobrimento’ do Brasil”. Segundo Fanka, “...é uma mentira essa comemoração dos 500 anos e a gente está dizendo isso poeticamente, através dos cordéis. Por isso, o dia primeiro de abril”.<sup>19</sup> A poesia “*maudita*” é um protesto consciente.

E assim, concretizou-se a verdade “*maudita*” no dia da mentira.

Na ocasião do lançamento da Sociedade dos Cordelistas “*Mauditos*”, seus integrantes fizeram uma leitura do que teriam sido estes 500 anos de “descobrimento” do Brasil. Imbuídos de sentimento crítico e de justiça, o posicionamento de cada um deles tomou forma de versos. Através de sua poesia, instrumento de reivindicação, os “*mauditos*” procuraram denunciar aquilo que, segundo eles, realmente representava o retrato do Brasil, expondo de maneira clara e transparente, sua divergência em relação às comemorações oficiais.

As obras da *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* abordam temáticas atuais, merecendo nova leitura. Vários dos cordéis feitos pelos “*mauditos*” exigem um certo grau de conhecimento por parte do leitor, para que ele possa acompanhar a obra. Fazem alusões, por exemplo, a Simone de Beauvoir, textos bíblicos, marxismo, cristianismos, poetas modernistas, concretistas etc. Segundo a poeta Salete Maria, “fazemos uma leitura mais moderna, mais contemporânea, buscando estabelecer um diálogo com o leitor a partir de uma reflexão”. A preocupação da Sociedade não é catequizar as pessoas, mas sim, despertá-las para a possibilidade de reflexão, mostrando que sua obra também é um tipo de trabalho social, possibilitando o acesso à informação às pessoas, independente da idade ou classe social.

E assim o cordel vai construindo sua estrada. Obedecendo ao processo da metamorfose, esta literatura vai criando e recriando seu universo, conquistando seu espaço e fazendo com que ela continue cantada e encantada na presença viva dos seus versos.

---

<sup>19</sup> Trecho retirado do Jornal O POVO, Fortaleza, em 01 de abril de 2000.



#### Integrantes da Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”<sup>20</sup>

- Fanka: 33 anos, poeta, graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri, URCA, mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará,
- João Nicodemos de Araújo Neto: 40 anos, artista compulsivo, atua na área artística, passando pela poesia, dança, música, plásticas, cênicas e, segundo ele, cínicas...
- Cícero José Alves Gonçalves (Soneca): 27 anos, auxiliar de escritório, xilógrafo e poeta, além de trabalhar com grupos de dança.
- Ernane Tavares Monteiro: 33 anos, poeta e comerciário.
- Josélia Andrade Silva: 27 anos, cursou o segundo grau e pretende fazer o curso de Letras. Poeta e xilógrafa.
- Francisco Hélio Ferraz: 34 anos, cantor, compositor, poeta, neto de cantador, músico e vocalista da banda “Maria Doida”.
- Antônio Celestino da Silva: 35 anos, formado em letras pela URCA, especialista em Literatura Brasileira. Poeta, escultor, xilógrafo, pesquisador.
- Orivaldo Batista 34 anos, Fotógrafo de profissão, cordelista, xilógrafo, poeta maluco, por amor e vocação.
- Fernandes Nogueira dos Santos: 23 anos, poeta e designer.



- Regilene Stéfane Silva 18 anos, poeta, estudante, concluindo o segundo grau.
- Daniel Duarte Brandão Jr. 24, 2º grau completo. Comerciante há cinco anos, poeta, músico.
- Salete Maria dos Santos: 33 anos, professora universitária, advogada, poeta. Está em fase de conclusão de seu mestrado, onde também investiga a Literatura de Cordel.  
CONCLUINDO...

Através de nossas andanças, percebemos que a literatura de Cordel, longe de restringir-se aos públicos tradicionais, vem se adaptando e conquistando novos espaços que traduzem o seu dinamismo e a sua capacidade de representação do pensamento de vários grupos diferentes.

Em sua trajetória, esta literatura encontrou muitos desafios, mas também encontrou outros tantos incentivos. Exemplo disso é a iniciativa do pesquisador Joseph Luyten, que tem um papel relevante na divulgação e incentivo deste gênero literário. Graças a ele, entre outros pesquisadores, os épicos populares nordestinos saíram do anonimato para ocupar espaços nas livrarias, universidades e no conhecimento de muitos.

Não temos a pretensão de dizer que o cordel feito pela *Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”* se apresenta como uma tendência dentro deste gênero literário. O que podemos confirmar é que ele é uma REALIDADE. E o simples fato de eles existirem, já causa um grande incômodo em muitas pessoas. E isto é positivo visto que o incômodo gera mudança, crescimento.

Não existe o cordel verdadeiro e o falso: todos são literatura de cordel. Enquanto uns atuam com códigos de um determinado imaginário, outros, lançam outros olhares, propiciando a esta escrita uma infinidade de probabilidades que não rima com os desejos idílicos daqueles que pretendem aprisionar o folheto a determinada tendência ou grupos sociais. A literatura não é propriedade privada de eleitos, iluminados. É plural, dinâmica e atual.

A negação de novas tecnologias, novas linguagens, novos conceitos, seria o mesmo que negar sua própria existência. Seria negar a circularidade da cultura e da sociedade. Na verdade nada se acaba... cordel, cantoria e outras manifestações. Eles se transformam. E quem decide o que deve continuar ou cair no esquecimento é a comunidade.

“O que apaga é porque não cumpre mais uma função social”<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Dados colhidos na ocasião da visita da pesquisadora à cidade de Juazeiro do Norte, em março de 2002.

<sup>21</sup> Gilmar de Carvalho, revista Cult, janeiro de 2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003

---





## Referências bibliográficas:

- BELTRÃO, Luiz. “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980
- \_\_\_\_\_. “Teoria Geral da Comunicação”. Brasília: Thesaurus, 1977
- \_\_\_\_\_. “Mídia e Folclore: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão”. São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco/ UMESP, 2001
- BAKHTIN, Mikhail. “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1993
- CANCLINI, Nestor García. “Culturas Híbridas: estratégias para Entrar e Sair da Modernidade”. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000
- CARVALHO, Gilmar de. “Madeira Matriz”. São Paulo: Annablume, 1998
- CARVALHO, Gilmar de. “Publicidade em Cordel”. São Paulo: Maltese: 1994
- CASCUDO, Luís da Câmara. “Dicionário do Folclore Brasileiro”. São Paulo: Global, 2000
- CHAUÍ, Marilena. “Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil”. São Paulo, Brasiliense, 1989
- DELLA CAVA, Ralph. “O milagre em Joazeiro”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- DIÉGUES Jr, M. “Literatura de Cordel”. Cadernos de Folclore  
Jornal O POVO, Fortaleza, em 01 de abril de 2000
- LUYTEN, Joseph M. “Sistemas de Comunicação Popular”. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LUYTEN, Joseph M.. “A notícia na literatura de cordel”. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- LUYTEN, Joseph M.. “O que é Literatura Popular”. 4 ed. v. 98. São Paulo: Ática, 1988.
- MARQUES DE MELO, J. (org.). “Mídia e Folclore – o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão”. Maringá/SBC: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco: UMESP, 2001.
- MARQUES DE MELO, J. Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de Folk-comunicação no Brasil. Revista Latina de Comunicação Social, nº 21, setembro de 1999.
- MELO, José Marques. Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. “A Ideologia do Cordel”. Rio de Janeiro: Brasília, 1977.
- REVISTA CULT. “Cordão, cordel, coração”. Nº 54 de janeiro de 2002.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. “A mulher no barbante: *os narradores na poética feminina em cordel*”. Dissertação defendida em 2002, pela Universidade Regional do Cariri.
- TERRA, Ruth Brito L. “Memórias de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste”. São Paulo: Global, 1983.
- VALE, Israel do. “A peleja da poesia popular contra a vida agreste”. Revista Palavra, abril de 2000.
- Texto de Concepção da Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”.